

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: CONTRARIANDO O MODELO

SEXUAL DIVERSITY IN SCHOOL: COUNTERING THE MODEL

Patrícia Pássaro da Silva Toledo¹, Eliane Portes Vargas²

¹ Instituto Oswaldo Cruz - IOC/FIOCRUZ, patriciapassaro@gmail.com

² Instituto Oswaldo Cruz - IOC/FIOCRUZ, elianepvargas@gmail.com

RESUMO

Este estudo aborda a diversidade sexual na experiência escolar focalizando a “descoberta” da sexualidade sob a ótica de quem viveu a experiência. Buscamos compreender como esse processo foi vivenciado pelos entrevistados cuja experiência da sexualidade era diversa do modelo heteronormativo predominante na sociedade e quais as repercussões em sua trajetória escolar. Deste modo, a análise considera que os debates que envolvem a construção das identidades de gênero, das identidades sexuais e da própria sexualidade, compreendem dimensões políticas e sociais que estão também relacionadas à escola. Os resultados apontam a necessidade de ampliação dos debates sobre sexualidade, gênero e homofobia no ambiente escolar com a finalidade de desnaturalizar essas diferenças, reduzindo preconceito e discriminação e contribuir para uma sociedade cada vez mais justa.

Palavras-chave: Saúde e diversidade sexual. Sexualidade na trajetória escolar.

ABSTRACT

This study addresses the sexual diversity in the school experience focusing on the "discovery" of sexuality from the perspective of those who lived the experience. We seek to understand how this process was experienced by respondents whose experience of sexuality was different from the prevailing heteronormative model in society and what the impact on their school performance. Thus, the analysis considers that discussions involving the construction of gender identities, sexual identities and sexuality, understand political and social dimensions that are also related to school. The results indicate the need for deepening the debate on sexuality, gender and homophobia in the school environment in order to deconstruct these differences, reducing prejudice and discrimination and contribute to an ever more just society.

Key words: Health and sexual diversity. Sexuality in school trajectory.

INTRODUÇÃO

Os debates sobre a educação sexual e sexualidade na escola exibiam, entre outros discursos, como aqueles voltados para a prevenção de doenças e da gravidez na adolescência, a introdução da orientação sexual como um tema transversal em educação nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como foco de programas e políticas públicas, a exemplo do Programa Brasil Sem Homofobia. No entanto, o Tema Transversal Orientação Sexual, apesar dos avanços, ainda apresenta-se com uma abordagem heteronormativa e apoiada em um modelo de saúde médico-higienista de acordo com o levantamento bibliográfico realizado acerca da literatura sobre o tema¹.

Diversas pesquisas apontam situações preconceituosas e discriminatórias em relação a diversidade sexual na escola. Na pesquisa Juventudes e Sexualidade da UNESCO (2004) a discriminação contra homossexuais esteve ainda presente e considerada uma atitude comum e costumeira entre alunos jovens (CASTRO, 2004). No Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, 24,2% dos alunos entre 15 e 19 anos de idade entrevistados disseram que não gostariam de ter colegas homossexuais em sua classe e este valor aumentou para 39,7% quando analisadas somente as respostas dos meninos. E 30,8% dos pais e responsáveis, quando questionados, responderam que não gostariam de verem seus filhos estudando com homossexuais. Quanto aos profissionais do corpo técnico-pedagógico, no Rio de Janeiro, 3,3% foram de respostas negativas, evidenciando uma menor taxa de rejeição por parte dos profissionais dos que os demais sujeitos da pesquisa. A pesquisa realizada em 2009 pela Fundação Perseu Abramo com jovens e adultos à partir dos 16 anos de idade de 150 municípios brasileiros indicou que 1 em cada 4 brasileiros é homofóbico, ou seja, demonstram certa tendência (seja ela forte ou fraca) a praticar atitudes discriminatórias em relação à diversidade sexual. Neste contexto, a escolaridade aparece como um dos fatores que mais exercem influência nos níveis de preconceito social em relação à diversidade sexual. Dentre os entrevistados que nunca estudaram, 52% demonstraram ser homofóbicos contra os 10% dos que haviam frequentado o nível superior. De acordo com estes dados, quanto maior

¹ TOLEDO, P. P. S.; VARGAS, E. P. Sexualidade e diversidade sexual na escola: reflexões a partir da literatura sobre o tema. In: CONVIBRA SAÚDE - CONGRESSO ONLINE DE GESTÃO, EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE, 2, 2013, [Evento na Internet], Anais...: CONVIBRA SAÚDE, 2013a. Disponível em: <http://www.convibra.org/upload/paper/2013/59/2013_59_7685.pdf>. Acesso em 05 de janeiro de 2014.

o número de anos de estudo, menor é o preconceito e maior a aceitação de homossexuais (VENTURI, 2009). A Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004 ratifica estas informações, demonstrando que 26,8% dos entrevistados já haviam sido marginalizados na escola ou faculdade, por colegas ou professores (CARRARA, 2005). No ambiente escolar durante o período da adolescência, entre 15 e 18 anos de idade, os resultados encontrados são maiores e mais preocupantes: 40,4% dos jovens vivenciaram algum tipo de experiência discriminatória na escola (CARRARA, 2005).

A diversidade sexual, mesmo quando não diretamente reprimida no ambiente escolar, tem como padrão de normalidade a heteronormatividade e, para tanto, qualquer expressão de sexualidade diferente pode ser considerada desviante. Assim, homossexuais, transexuais, travestis e bissexuais, são aceitos desde que não expressem publicamente sua sexualidade, sob o risco de desordenação dos padrões sociais vigentes. Estes dados legitimam a necessidade de uma intensificação das ações voltadas para o público escolar adolescente, mais vulneráveis em relação à discriminação e as demonstrações de preconceito relacionados à sexualidade. Embora em nosso estudo o público adolescente tenha sido o foco, cabe lembrar que os entrevistados fazem referências a esta época de suas vidas em suas narrativas.

Este trabalho apresenta alguns resultados de um estudo realizado no âmbito do Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em Ensino em Biociências e Saúde, intitulado *Diversidade sexual: problematizando as identidades na experiência escolar a partir do ensino em saúde*, onde problematizamos a diversidade sexual na experiência escolar a partir do ensino em saúde. Neste trabalho apresentamos um dos aspectos da trajetória escolar analisados que corresponde à “descoberta” da sexualidade pelos sujeitos da pesquisa, momento em que o indivíduo se perceber diferente e as repercussões deste fato como a aceitação de si, da família e da escola.

DIVERSIDADE SEXUAL: CONTRARIANDO O MODELO

O estudo foi delineado a partir dos aportes teóricos conceituais sobre desvio e comportamento desviante com base em autores das ciências sociais (BECKER, 2008; GOFFMAN, 1988). Transformações sociais a partir do séc. XVIII tornaram certos comportamentos, incluindo os da esfera da sexualidade, que transpusessem normas naturalizadas, como desviantes. Neste período um conjunto de discursos e práticas

direcionava seu olhar para os corpos e para a vida, ao que Foucault nomeou de biopoder. (FOUCAULT, 1998). O autor explica que a configuração do desvio se origina e se firma em um novo mecanismo de poder na sociedade, o poder disciplinar, que funciona como um modo de intervenção e controle social (FOUCAULT, 1998). A propósito desta questão, Elias (2000) defende que a sociedade opera como uma trama maleável de tensões. Dentro desta perspectiva, Becker (2008) pressupõe a transferência do enfoque no sujeito para as inter-relações, visto que as regras, as normas, os desvios e os rótulos (labels) são constituídos através de mecanismos políticos, mediante os quais determinados grupos são capazes de atribuir um caráter impositivo às suas perspectivas, tentando legitimá-las como as mais coerentes e corretas. Becker (2008) complementa, explicando que o desvio não é intrínseco às condutas ou aos sujeitos que os perpetram e sim determinado por meio de mecanismos de julgamento que abrangem contendas acerca dos objetivos particulares de certos grupos. Desta forma, é a interação entre o sujeito que pratica o ato ou apresenta tal comportamento e a reação daqueles que, mediante artifícios de avaliação e julgamento, o classificam como desviantes. Assim, a conformação de um estigma, através desta perspectiva, ocorre em consequência a uma anomia, ou seja, a um descumprimento das regras vigentes no grupo, o que rotula o responsável por tais atos como um desviante, que passa a ser estigmatizado e que, muitas vezes, em decorrência desta rotulação, será excluído socialmente.

A sexualidade funciona como um mecanismo de poder e um dispositivo produtor de desigualdades a partir da hierarquização e da estratificação que ocorre com a divisão entre o “normal” (aceito socialmente) e o “anormal” (contrário às expectativas heteronormativas). Tal mecanismo classificatório produz a estigmatização, o preconceito e a discriminação daqueles que não se ajustam ao padrão socialmente imposto. As diferenças entre os gêneros, por sua vez, são tidas como naturais pelo senso comum, ou seja, para a sociedade estas diferenças estão relacionadas ao corpo, mas, para as ciências humanas e sociais o gênero é também uma construção social, pautado na ideia da existência de machos e fêmeas na espécie humana, diferenciando assim a dimensão social da biológica. Desta forma, ser homem ou mulher não está atrelado apenas à anatomia corporal, estando diretamente relacionado ao aprendizado sociocultural, o que gera uma expectativa em relação ao comportamento esperado para cada gênero (CARRARA, 2010). A hierarquização de gênero, suscitadas pela atribuição

de valor às diferenças entre o masculino e o feminino, reflete-se nos mais diferentes campos, inclusive na escola. A coerência, exigida socialmente, entre o sexo anatômico, a vestimenta e a postura individual foi assinalada por Stoller como “identidade de gênero” ao estudar a travestilidade. Tal coesão irá identificar as atividades como femininas ou masculinas, caracterizando o sujeito como indivíduo pertencente ao gênero feminino ou masculino (STOLLER apud CARRARA, 2010). Desta forma, é possível constatar que o gênero é construído culturalmente e são edificados e transmitidos socialmente através da família, da escola e da mídia. Na adolescência estes modelos representam um conjunto rígido de comportamentos e atitudes que supostamente são entendidos como as posturas indicadas aos rapazes e às moças que experimentam o início de sua sexualidade. Cabe ressaltar que, embora articulados, existe uma distinção entre sexualidade e gênero, ainda que as relações sociais de poder que adotam como embasamento as diferenças de gênero afetem diretamente as questões de sexualidade e vice-versa. É importante destacar a diferenciação entre orientação sexual, que se refere ao comportamento humano, produto do intercâmbio entre fatores biológicos, psicológicos e socioculturais; e identidade sexual, que se caracteriza pela maneira como o indivíduo se percebe em termos de orientação sexual (existência de no mínimo 3 dimensões: desejo, comportamento e identidade). Embora possam estar conectados, estes aspectos não necessariamente caminham da mesma maneira e na mesma direção, ou seja, pode não existir uma conexão direta e necessária entre o desejo de uma pessoa, o seu comportamento ou conduta sexual e o modo como percebe a si mesma, como demonstram os informantes da pesquisa.

O UNIVERSO DO ESTUDO E SUJEITOS DA PESQUISA

Tendo em vista os objetivos e as questões problematizadas neste estudo², utilizou-se a abordagem qualitativa por meio de entrevistas que favorecem uma aproximação do pesquisador com o sujeito e com o contexto sociocultural no qual ele está inserido, permitindo o estranhamento, o distanciamento das regras e da visão de mundo pré-existente do pesquisador (DA MATTA, 1987). Chizotti (1991) considera como uma das principais características da abordagem qualitativa a submersão do pesquisador nas situações e no contexto da pesquisa bem como o reconhecimento dos

² Aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa.

atores sociais como indivíduos que produzem saberes e práticas. Um dos desafios neste tipo de pesquisa de campo é o encontro com o exótico (DA MATTA, 1987). Segundo o antropólogo, faz-se necessário uma imersão em outra realidade, transformando o exótico em familiar. Da Matta (1987) emprega o termo familiar para se referir a alguma coisa que faz parte do universo social habitual. O mergulho no campo do simbolismo e da subjetividade, invariavelmente arraigados no contexto social do qual surgem, é um recurso primordial sempre que as temáticas pesquisadas exijam um estudo essencialmente interpretativo, permitindo ao pesquisador adentrar na esfera das motivações e intenções dos sujeitos. A partir destas perspectivas teóricas e metodológicas partiu-se do pressuposto de que os fenômenos sociais não estabelecem necessariamente uma relação causal (causa e efeito). Em se tratando da identidade do sujeito e de suas percepções como sujeito, a população para o estudo precisava se auto classificar, em termos de orientação sexual, como homossexual, bissexual, transexual ou travesti. Esta propriedade se estabelece como um fator relevante na identificação dos sujeitos incluídos em estudos que desejam se aproximar de circunstâncias sociais específicas, como foi o caso desta pesquisa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas cujos participantes foram identificados através da técnica snowball sampling (BIERNACKI, 1981) ou ‘bola de neve’, comumente utilizada em pesquisas sociais. Foram entrevistados 8 indivíduos que se autodescreveram como homossexuais, bissexuais, transexuais ou travestis em termos de sua orientação sexual. Ou seja, a classificação utilizada para a definição da orientação sexual dos sujeitos da pesquisa foi aquela referenciada pelo próprio entrevistado quando indagado sobre sua orientação sexual auto atribuída³. A idade dos participantes variou entre 24 e 79 anos de idade, sendo 6 nascidos com o sexo biológico masculino e 2 com o sexo biológico feminino. Quanto à autoclassificação de orientação sexual tivemos: 1 transexual e 7 homossexuais, sendo 2 lésbicas. Quanto ao nível de escolaridade tivemos: 3 pós-graduados, 1 graduado, 2 com ensino médio completo (1 deles está cursando o nível superior na metodologia EAD), 1 com ensino médio incompleto e 1 com ensino

³ Foram contatados inicialmente os participantes da pesquisa realizada pelo autor, com usuários do SUS, para que estes indicassem novos informantes (TOLEDO; JANINI, 2010). Os nomes utilizados para identificar cada participante foram escolhidos pelos próprios entrevistados, da mesma forma que a classificação de orientação sexual empregada, cuja nomenclatura utilizada foi a referida pelo próprio sujeito.

fundamental incompleto. Os critérios de inclusão contemplaram ainda os sujeitos que poderiam estar ou não estudando na época da entrevista, pois o interesse da pesquisa centrava-se nas experiências relacionadas à trajetória escolar e à sua passagem pela escola visando uma maior compreensão dos elementos em jogo concorrentes para uma eventual evasão escolar.

“DESCOBERTA” E ACEITAÇÃO DE SI, DA FAMÍLIA E DA ESCOLA: COMO ME PERCEBO E COMO ME VEEM

A análise do momento de “descoberta” da diferença na experiência da sexualidade foi uma opção relevante por suas imbricações com as questões relacionadas à trajetória escolar dos entrevistados. É importante explicitar que utilizamos a expressão “descoberta” entre aspas por acreditar que não se trata de um momento específico, ou de um fato que se descubra de hora para outra, mas sim de um momento na vida do sujeito onde as dúvidas, os receios, os desejos e as expectativas se tornam mais claros e passíveis de entendimento. Chamamos de “descoberta” então aquele momento que o próprio entrevistado denomina como o ponto de explicitação de si para uma maior compreensão de sua sexualidade. Esta fase se torna muito importante para os estudos na área de ensino, como poderemos observar nos relatos dos entrevistados, justamente por permitir um entendimento maior dos anseios e demandas dos estudantes quanto a sua sexualidade, reforçando a necessidade de uma abordagem mais voltada para os assuntos relativos à diversidade sexual, as diferenças, aos preconceitos e discriminações, juntamente com as discussões relativas a saúde sexual já inseridas no contexto escolar.

Em um episódio ocorrido na escola, ainda na infância, Jabuticaba vivenciou a “descoberta” de suas preferências sexuais através de seus referenciais de beleza. Ainda que descreva a aceitação familiar como tranquila, explica que a ausência de conflitos nesta fase, e que se perpetuou até a adolescência, foi oriunda de uma coibição de seus pensamentos, desejos e atitudes.

Eu achava que isso era normal e aí percebi que não era, que o normal era menino gostar de menina. Mas eu gostava de meninos e eu era um menino. E quando eu disse que achava um coleguinha da escola bonito, fui caçoado pelos colegas. E eu tive que esconder que realmente achava os meninos interessantes, que eu os achava bonitos e que as meninas não despertavam isso em mim. Minha mãe foi chamada na escola, meu pai também, mas ele nunca aparecia, então minha mãe foi sozinha. E depois ela me disse: meu filho, você não pode falar essas coisas, não pode falar

que menino é bonito, você é um menino e só pode gostar de meninas, senão vão te chamar de *viadinho*. E assim eu fiz, nunca mais falei essas coisas na escola, pelo menos até a adolescência (JABUTICABA, 25 anos, homossexual, Assistente Administrativo).

As expectativas da mãe em relação às atitudes de Jabuticaba são rotineiras nos ambientes sociais e *“estabelecem as categorias de pessoas que têm a probabilidade de serem neles encontradas”* (GOFFMAN, 1988, p. 11), permitindo, deste modo, o relacionamento com o outro. Desta forma, o comportamento da mãe de Jabuticaba foi o de preservar seu filho, evitando que o mesmo pudesse ser considerado diferente e, conseqüentemente, estigmatizado, sendo colocado à margem da sociedade por não corresponder a estas expectativas normativas criadas e aceitas pela sociedade. A mesma relação de preservação pode ser observada na família de Antônio. Como o próprio descreve, sua família sempre foi muito unida e foi essencial em sua vida e trajetória escolar, nunca o rejeitando por sua sexualidade. No entanto, o que se extrai de seu discurso, é uma aceitação familiar, e até pessoal, sujeita a ressalvas e limitações, todas relacionadas à expectativa de representatividade de um papel de gênero atrelado ao seu sexo biológico de nascimento. Papel este também construído e infligido socialmente.

Conversei com meu irmão mais velho. Escolhi ele porque ele sempre foi meu ídolo. Ele sempre foi muito bem articulado, falante e entendedor de tudo. Por isso o escolhi. A conversa foi tranquila. Ele só me disse que eu não ia deixar de ser o irmão dele por isso, mas que não queria me ver sofrendo e que não queria me ver vestido de mulher. [...] Depois que falei com meu irmão ele me ajudou a conversar com os meus pais. A postura deles foi a mesma do meu irmão. Meu pai só falou que não queria filho viadinho, desmunhecando e promíscuo. Acho que a educação que eles nos deram me moldou como pessoa e eu nunca seria um homossexual afetado (ANTÔNIO, 49 anos, homossexual, Engenheiro Naval).

Diferente de Antônio e Jabuticaba, Ana afirma que a “descoberta” teve reflexos imediatos na sua vida escolar, mesmo que não tenha conversado com ninguém e que nenhum adulto a tenha questionado sobre sua sexualidade. Quanto a “descoberta” de sua sexualidade, relata que: *“foi complicada, porque eu mesma não entendia e não aceitava o que eu estava sentindo. Pensei até em suicídio em uma certa fase da adolescência”* (ANA, 33 anos, lésbica, Comerciante). Ana ressalta que o problema maior estava nela mesmo, ou seja, em sua aceitação pessoal. O sentimento de não pertencimento àquele lugar, demonstrado por Ana, são justificados por ela como uma incompreensão da própria sexualidade. Assim como Ana, Carlos esclareceu que na infância e início da adolescência não se aceitava nesta condição. Caçula em uma família

com cinco irmãos e seis irmãs, ao se perceber atraído pela figura masculina por volta dos nove anos, Carlos tentou, com insucesso, conversar com alguns de seus irmãos sobre suas impressões e sentimentos. Em sua fala é possível compreender como a dinâmica familiar, especialmente pelo fato de Carlos ter cinco irmãos homens e mais velhos, favorecia uma postura retraída do participante.

Para mim eu acho isso muito natural hoje. No passado não, porque eu via que eu era diferente. Em uma família de onze filhos, cinco homens e até aos quinze eu tentava conversar com um irmão para perguntar para ele assim: você sente o mesmo que eu sinto? Eu achava que até então todos éramos iguais. Dos quinze para cima eu comecei a perceber que não, mas até aos quinze eu queria falar com meu irmão, mas eu tinha medo dos meus outros quatro irmãos. Eu queria perguntar para eles assim: você sente a mesma coisa? [...] Mas eu tinha vergonha de perguntar, até um dia que eu falei assim: se eu perguntar eu vou levar uma porrada, então eu fiquei quieto. Foi ruim até eu me aceitar [...] porque até então eu vivia escondido (CARLOS, 47 anos, homossexual, Contador - Assistente de Logística).

No caso de Janaína, a “descoberta” se deu bem cedo, quando costumava brincar com acessórios femininos de sua mãe. Ela afirma que suas preferências incomodavam sua família e os atores sociais que a rodeavam na escola, principalmente por ser dotada de uma aparência física delicada e feminina.

Quando eu era pequenininha eu já brincava e dizia que eu era menina. Devia ser um transtorno para minha mãe, porque eu lembro que ela vivia atrás de mim dizendo que eu não podia brincar com o sapato dela, que eu não podia usar saia, que eu não podia falar que eu era menina. Nossa, dei trabalho! [...] Mas sempre fui muito feminina, tinha até peitinho. Então foi bem complicado. (JANAÍNA, 36 anos, transexual, Artesã – Artista Plástica).

A entrevistada Lalá também relata os mesmos tipos de dificuldades enfrentadas na “descoberta” e enfatiza que hoje a relação com sua família é normal, pautada em respeito e admiração, mas que isso não foi sempre assim. Quando decidiu contar sobre sua homossexualidade para sua mãe, enfrentou um pouco de resistência: “*a conversa foi bem complicada, foi difícil para minha mãe aceitar*” (LALÁ, 38 anos, lésbica, Enfermeira e Professora de Judô). Dentre as dificuldades encaradas por Lalá, o seu adoecimento psíquico foi uma das mais marcantes. Por volta dos dezesseis anos passou por um quadro de depressão que a afastou da escola, como descreve: “*larguei porque entrei em depressão profunda. Tive que tomar remédio, fazer terapia. Tinha medo de sair na rua e me tranquei em casa*” (LALÁ, 38 anos, lésbica, Enfermeira e Professora de Judô). Os motivos que a levaram a este quadro foram mais do que simples atitudes de preconceito. O sentimento de não pertencimento ao grupo, a rejeição e a incompreensão sofrida por Lalá tornaram a ida a escola ou uma simples caminhada na Campus da Praia Vermelha/UFF

rua uma coisa intolerável. Ela descreve este processo de adoecimento e o significado que este período teve para sua vida:

Eu senti que era o melhor para mim naquela época. Eu nem pensei direito, quando fui ver eu já não estava conseguindo ir para aula e assim fui me afastando, até o dia que avisaram a minha mãe. Depois que abandonei pareceu que meus problemas iam ficar do mesmo tamanho, mas na verdade acho que pioraram. [...] Porque fiquei deprimida. Não gosto nem de lembrar. Mas eu fiquei mal porque me achava esquisita, me achava abandonada. Ninguém gostava de mim na escola, sabe. Nunca pertenci a nenhum grupinho. Tinha poucos amigos. Aí fui adoecendo até que não conseguia comer, nem dormir e nem sair de casa (LALÁ, 38 anos, lésbica, Enfermeira e Professora de Judô).

Os sentimentos de inadequação e de não pertencimento descrito pelos entrevistados, no que se refere a não aceitação inicial de sua sexualidade, encontram em Goffman uma explicação ao esclarecer que estes sentimentos de uma pessoa estigmatizada são reflexo dos *“padrões que ele incorporou da sociedade maior”* (GOFFMAN, 1988, p. 17). Para o autor a identidade sexual do indivíduo ainda em desenvolvimento é resultado de padrões estigmatizados, que se apresentam como ferramentas preventivas de controle social por um lado e, conseqüentemente, mecanismos repressivos por outro. Johny expressa em seus relatos esse sentimento de repressão quando diz que: *“no início é difícil para todo mundo porque a própria sociedade faz com que pareça que você é um monstro, que você é de outro planeta. Ao menos na minha época, há 50 anos atrás”* (JOHNY, 55 anos, homossexual, Químico). Paulo também demonstra essa repressão, essa necessidade de ter que esconder a sua sexualidade e repetir os padrões heteronormativos quando explica que na escola *“se comportava dentro dos padrões”* e justifica sua atitude de não se revelar no ambiente escolar: *“você não pode querer que todo mundo aceite, tem que respeitar”* (PAULO, 80 anos, homossexual, Bancário aposentado). Goffman (1988) explica a atitude de Paulo como um reflexo da sociedade da época. Para o autor o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos; isso é um fato central. Seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma “pessoa normal”, um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima (GOFFMAN, 1988, p. 16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo percebemos que o momento da “descoberta” e a consequente aceitação da sexualidade dos entrevistados interferiu e influenciou direta ou indiretamente a trajetória escolar dos sujeitos. Em todas as entrevistas, tenha a “descoberta” sido retratada como tranquila ou conturbada, tenha a aceitação de si e da família sido efetiva ou não, o que observamos foi a adoção de uma postura, ou de ocultação ou de enfrentamento, para lidar com o estigma no ambiente escolar. Os reflexos e significações das posturas adotadas no espaço escolar na “descoberta” de sua sexualidade refletiram na trajetória escolar dos sujeitos, trazendo implicações que foram desde o afastamento temporário da escola a uma necessidade de prosseguir os estudos e superar as dificuldades vividas se tornando um profissional de sucesso e com uma carreira em ascensão.

Tendo em vista as considerações feitas, qual seria o lugar da escola no amparo às diversidades? Neste contexto e por meio dos relatos dos entrevistados, pudemos observar que a escola se mostrou como um espaço onde, por um lado, se repetiram práticas que naturalizavam as diferenças, perpetuando assim a produção de masculinidades e feminilidades e, portanto, promovendo atitudes discriminatórias, sexistas e homofóbicas. Mas por outro lado, a escola se manifestou como um ambiente onde os entrevistados encontraram apoio, onde estas diferenças puderam ser desconstruídas e onde o sofrimento e o adoecimento foram evitados. E para os entrevistados, o que parece ter feito a diferença entre estas escolas foi a atuação de alguns docentes. Esta constatação levanta a necessidade de se discutir sobre o papel político e autonomia do professor, além de reforçar seu papel acolhedor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**. vol. n° 2, November. 141-163p, 1981.

CARRARA, S. **Política, direitos, violência e homossexualidade**. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004. Coleção Documentos, v.3. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CARRARA, S. (org.) et al. **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade**. Rio de Janeiro: CEPESC: Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, V.3, 2010.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DA MATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir. Nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

STOLLER apud CARRARA, S. (org.) et al. **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade**. Rio de Janeiro: CEPESC: Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, V.3, 2010.

TOLEDO, P. P. S.; JANINI, J. P. **Reinserção social do transexual pós-cirurgia de redesignação sexual**. Monografia. Curso de Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Gama Filho/UGF. Rio de Janeiro, 2010.

TOLEDO, P. P. S.; VARGAS, E. P. Sexualidade e diversidade sexual na escola: reflexões a partir da literatura sobre o tema. In: **CONVIBRA SAÚDE - CONGRESSO ONLINE DE GESTÃO, EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE**, 2., 2013a, [Evento na Internet], Anais...: CONVIBRA SAÚDE, 2013. Disponível em: <http://www.convibra.org/upload/paper/2013/59/2013_59_7685.pdf>. Acessado em 05 de janeiro de 2014.

TOLEDO, P. P. S.; VARGAS, E. P. **Diversidade sexual: problematizando as identidades na experiência escolar a partir do ensino em saúde**. Dissertação (Mestrado). Instituto Oswaldo Cruz - IOC/FIOCRUZ, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, 2013b.

VENTURI, G. (Org.); BOKANY, V. (Org.). **Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. v. 1. 252p.